

O colar da minha fala e as contas do encontro

“Óh Attar (perfumista) ! espalhaste constantemente pelo mundo o conteúdo da bolsa de almíscar dos segredos. Os horizontes do mundo estão cheios de teus perfumes (‘atr), e os amantes que habitam o mundo estão cheios de turbação por tua causa. Tanto lanças suspiros de puro amor, tanto fazes ouvir próximo à cortina as queixas que assaltam os verdadeiros amantes. Teus versos lhes oferecem um bem; possam adornar-se com eles como com uma jóia!”- epílogo de “A linguagem dos pássaros”, de Farid ud-Din Attar (sec. XII)

Samuel Napolitano nos brinda com este livro que se origina de sua dissertação de mestrado sob a orientação de nossa saudosa professora Helenir Suano (*in memoriam*), pesquisadora e artista plástica, uma das fundadoras do CICE – Centro de Estudos do Imaginário, Cultura e Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, inaugurando naqueles espaços, ainda nos anos 80, a investigação poética sobre as imagens, a imaginação, os mitos e o imaginário, junto a um importante grupo de pesquisadores inovadores, José Carlos de Paula Carvalho, Maria Cecília Sanchez Teixeira, Maria do Rosário Silveira Porto, entre outros precursores desta importante área que transita entre a hermenêutica simbólica e a antropologia da educação.

Tive o privilégio de participar de seu processo de mestrado, bem como de sua defesa. Como não deixar de perceber no livro o mesmo cuidado com a narrativa que marca a trajetória de Samuel Napolitano há tantos anos, a estrutura orgânica do texto, as histórias que penetram na alma e

encontram seu lugar no âmago da humanidade. E, precisamente, por isso mesmo, seu cadinho sagrado.

Napolitano exerce seu ofício de perfumista. Exala sua inspiração divina por onde passa e nos presenteia com o “colar de sua fala”, aquilo que pode nos adornar como uma jóia. Aquilo mesmo que provoca suspiro de puro amor. E lembremos que o termo árabe, *çafa* (pureza ou sinceridade) é a raiz do que se converterá em *çufi*, conhecido no Ocidente como sufismo. O buscador sincero e puro, amante da verdade, aquele que privilegia o caminho (*tariqah*). Mas, é o mesmo perfumista que também provoca os queixumes dos verdadeiros amantes, ouvidos à cortina – ou seja, diante daquilo mesmo que nos impede de enxergar a verdade e desvelá-la sob a cortina.

E aqui também é importante ter em mente, para melhor compreender a empreitada de Napolitano, que o termo árabe para designar a realidade ou verdade, é *haqiqah*; ou seja, trata-se sempre do sentido espiritual daquilo que denominamos “realidade” ou ainda “verdade”. O grande mestre Sufi *al-andalus Ibn Arabi* (*Abū Bakr Muhammad Ibn ‘Alī Ibn al-‘Arabi* - 1165-1240) nos ensina que: “para explicá-la usam os termos *wujūd* (ser), *ashq* (amor), *nūr* (luz), *nafs* (personalidade) ou *rahmān* (clemência), mas o que se quer dizer com todos estes termos é o nome do Ser Único que é *Haqiqah* (realidade).” (“El núcleo del núcleo”, Málaga: Editorial Sirio, 1986, p. 58).

É, justamente, por esta busca constante de seu sentido espiritual que, talvez, o Islam – e o sufismo mais ainda – seja a cultura que mais explícita a necessária situação hermenêutica (isto é, da interpretação simbólica dos sentidos frente a qualquer texto ou mundo do texto – expressão de Paul Ricoeur). E que, por sua vez, revela não apenas o sentido espiritual atrás das cortinas, como revela muito mais aquilo que sempre está diante do texto, quer dizer, o próprio hermeneuta, o próprio intérprete: nós mesmos.

Diz ainda o mestre Attar, n’ “A linguagem dos pássaros”: “se lhe perguntam: – Tu és ou não és, tens ou não o sentido da existência; estás no centro ou à margem; estás visível ou escondido; és transitório ou imortal? És um e outro, ou não és nem um nem outro? Enfim, existes ou não existes?, e ele confessará: – Nada sei sobre isso, sou ignorante a esse respeito, e ignorante de mim mesmo. Estou enamorado, porém não sei de quem, não sou fiel e nem infiel, mesmo a dúvida me é incerta. Que sou pois? Ignoro até mesmo meu amor; tenho ao mesmo tempo o coração cheio e vazio de amor” (São Paulo: Attar Editorial, 2a. Ed., 1991, p.210)

Este sentido espiritual que se revela na busca da verdade, e que constitui, em última análise, a realidade mesma, é completamente distinto daquele sentido “exotérico” (exterior e público), refém dos dogmas e doutrinas que constitui a *shari’ah*, ou seja, aquilo que o Ocidente entende por “religião” institucionalizada. Distinta da religiosidade (condição de possibilidade de vivenciar o Sagrado) que marca a busca do hermeneuta, a pureza da ignorância de si mesmo, o caminho dos amantes; a religião se confina entre as paredes que demarcam territórios; seja ela uma igreja, uma mesquita, uma sinagoga, um templo. Aquele que traz o perfume e o adorno do colar de suas falas, prefere ainda a escuta e o silêncio, prefere mesmo a *tariqah*... prefere o caminho, com, tão somente, o manto que lhe protege do frio e do sol abrasador e lhe serve de cama na noite dos sonos protegida de estrelas e anjos. Como diria Maurice Merleau-Ponty, nesta “região selvagem” onde as culturas constituídas se comunicam umas com as outras (no seu terreno mítico), poderíamos dizer que Francesco (de Assis) foi o mestre Sufi mais fiel e amante que a Cristandade já teve.

Este exercício hermenêutico que Napolitano tão bem conduz em sua narrativa neste livro, me lembra a célebre pergunta de Carlos Drummond de Andrade em “À procura da poesia” (1973):

“Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta,
sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres:
- Trouxeste a chave?”

Esta contemplação das palavras, sob o manto das histórias, na própria tradição Sufi, o perfumista, nos lembraria:

“Um sufi acudiu aos gritos de um homem: – Perdi minha chave, quem a terá encontrado? Minha porta está trancada e agora estou na poeira do caminho. Se minha porta permanece fechada, o que é preciso fazer? Devo continuar atormentando-me? Que devo fazer?

– Por que te afliges? – disse-lhe o sufi – Já que conheces tua porta, fica próximo dela ainda que esteja fechada, não é improvável que alguém venha a abri-la. Teu caso é fácil e o meu difícil, pois minha alma consome-se em sua própria estupefação. Em meu caso não há nem pé nem cabeça, não há nem porta nem chave. Quisera Deus eu pudesse ir a toda pressa encontrar a porta, aberta ou fechada!

O homem não tem por herança mais que a imaginação; ninguém vê as coisas como elas realmente são. Àquele que te pergunta - O que farei?, responde: - Não faças como sempre tens feito; não ajas como tens agido até agora." (pp. 214-215).

Antes ainda de tentar encontrar a chave da interpretação, é preciso saber onde se encontra a porta. É por ela, e é exatamente ela, a porta, que as histórias localizam dentro de nós mesmos. Estranhamente, ao ouvirmos ou lermos as histórias que vão constituindo "o colar da minha fala", nos tocamos, no profundo âmago, uma porta que se abre em outro tempo que não o tempo cronológico e o espaço geométrico. Trata-se de um lugar vivido e habitado (portanto, como nos ensina o mestre Bachelard, quando o espaço se instala numa topofilia que o converte em lugar); bem como outro tempo, o tempo próprio e oportuno da obra; ou como diriam os gregos, o tempo de kairós, o tempo oportuno dos começos, o deus pequeno, alado e careca dos princípios, completamente avesso ao Kronos devorador das horas e dos próprios filhos.

Quando outro mestre armênio, Georges Ivanovich Gurdjieff (1866-1949), que se dizia tão somente um instrutor de dança (inspirado na dança dervish sufi) nos relata sua busca pessoal no célebre "Encontro com homens notáveis" (escrito entre os anos de 1924 e 1935, e publicado em 1963), ele começa nos relatando as primeiras imagens de suas memórias com o pai e nos conta um ritual ashoka (sua etnia) que se celebra de tempos em tempos. Peter Brook, excelente dramaturgo e cineasta inglês, em sua adaptação da obra para o cinema (1979), reconstituiu de maneira visceral e primorosa a cena querida.

Todos se reúnem no estreito vale entre montanhas rochosas e cada músico ashoka deve provar a sua arte tocando seu instrumento ou cantando com o objetivo último de fazer as rochas ressoarem. Alaúdes, flautas e cantos se sucedem sem sucesso, até que um músico depois de afinar seu canto com uma flauta, começa a cantar uma espécie de mantra que faz, finalmente, as rochas cantarem ressoando e ecoando suas vocálicas para o espanto e regozijo de todos os presentes. Recebe uma ovelha como prêmio. E Gurdjieff, adolescente, treinando com sua pequena flauta, pergunta ao pai como um ashoka aprende a tocar. Ao que o pai responde, com o seu pai e assim sucessivamente, até Deus.

Esta "afinação" da alma através do instrumento para sintonizar-se novamente com a natureza, abre caminhos para o devoto, iniciando,

aprendiz, amante dos caminhos, no sentido de buscar a realização de si mesmo, através do amor devotado aos outros e à natureza, ou numa palavra, devotado ao Sagrado. Não diria o nosso poeta do "Clube da Esquina", Beto Guedes, em "Amor de Índio" (1978): "tudo o que move é Sagrado, e remove as montanhas com todo cuidado, meu amor..." ?

E aqui remontamos a este vínculo indissociável entre natureza, o homem e o Sagrado; pois, curiosamente, todo contador de histórias revive com intensidade o mito da pessoa contadora de histórias. Tratei disso, com muita honra, num dos congressos internacionais de contadores de histórias, o "Boca do Céu", evento internacional coordenado de maneira competente pela minha querida Regina Machado, professora da ECA-USP e profunda conhecedora, excelente atriz e contadora de histórias; além de minhas queridas orientandas, Fabiana Rubira e Andréa Cavinato. Naquela oportunidade mencionei o que constato como o primeiro registro de uma contadora de histórias, no terreno mítico de Enheduana, princesa, poeta e Alta Sacerdotisa suméria de Nana/Sin, o deus da Lua; princesa real e filha de Sargão, o Acádio, imperador e gênio militar que pela primeira vez uniu a Suméria (Sul da Mesopotâmia) e a região de Ágade e da futura Babilônia (Mesopotâmia Central) em um só reino (circa 2000 a.C.). Em um alabastro foi encontrado o poema de Enheduana que nos conta a saga iniciática de Inanna:

"Nana (Sin), tocha maravilhosa que ilumina a minha vida, disse-lhe Ningal, dentro de mim carrego agora tuas sementes, nossos filhos da luz. Primeiro, darei à luz a uma menina. Ela terá o nome de Inanna, a Primogênita do Deus da Lua, a Estrela Matutina e Vespertina, que será a grande Deusa do Amor e da Guerra, Amante e Amada unidos numa só alma. Sábia, apaixonada, sensual, vibrante, tudo isto e muito mais ela o será, a personificação do Amor. Ela será a Luz Interior que trará brilho, paixão, cura e completude a tudo e a todos em todos os mundos e esferas.

E para dar a nossa filha um irmão, que ele seja uma criança de igual brilho exterior. Chamá-lo-ei de Utu, o Sol, Luz do Dia, que ira iluminar todos os mundos enquanto tu, meu amor, estiveres ausente. Que todos portanto saibam que o Senhor da Luz de Prata que brilha na noite e a Deusa dos Sonhos, sua grande amada, darão ao mundo as estrelas celestes mais brilhantes para dar alma nova às vidas."

Como ocorre com todas as civilizações herdeiras das hordas de agricultores e, conseqüentemente, amantes da Lua, a saga mítica se estrutura no drama vegetal das sementes: ciclo que contempla a catábese (descida aos inferos); a transformação pela morte ou pelo amor; e a fase final da anábase (subida ou renascimento). É o drama da semente que, “enterrada”, morre no interior das profundezas da terra, passa por uma transformação radical que pode ser na ação dilaceradora da morte como diásparagmós (fragmentação em partes – dia-bolos) ou ainda pela ação religante do amor (junção das partes – sym-bolos) – daí ser o pensamento simbólico sempre uma estrutura religante que opera na dimensão de uma inteligência amorosa (intellectus amoris). Ao final, a semente retorna à vida, na subida ao mundo dos vivos, na forma de um broto, pequena muda frágil e hesitante, que rompe as resistências da terra e alcança a luz do sol. Esta seria a estrutura básica de todos os mitos das sociedades herdeiras das hordas agricultoras, ritualizada nos ritos iniciáticos e nos mistérios gnósticos. O poema sumério de Enheduana que trata da saga de Inanna, assim se nos coloca, inicialmente, em sua catábese (a descida):

“Podes tu ir, tu o farás rejubilar-se,
Ó valorosa, estrela do Céu, vai saudá-lo
Para fazer Damu descansar, podes tu ir
Para o pastor Bur-Sin podes tu ir...
Das grandes alturas ela voltou sua mente para o grande infero
Deusa das grandes alturas voltou sua mente para o grande infero
Inanna das grandes alturas voltou sua mente para o grande infero...
Minha senhora abandonou o céu, abandonou a terra,
para o mundo mais baixo ela desceu,
Inanna abandonou o céu, abandonou a terra, para o mundo mais baixo
ela desceu...

Os sete decretos divinos ela prendeu ao seu lado, a shugurra, a coroa
da planície,
ela colocou em sua cabeça
Brilho ela pôs em seu semblante,
O cetro de lápis-lazúli ela pegou em sua mão
Pequenas pedras de lápis-lazúli ela colocou em volta do pescoço,
Pedras cintilantes ela prendeu no peito,
Um anel de ouro levava em sua mão,
Com um peitoral ela abrigou seu peito.

Todos os pertences senhoris ela arranjou sobre seu corpo
Ungüento ela colocou em seu rosto.
Inanna desceu para o mundo mais baixo...
Quando Inanna chegou ao palácio de lápis-lazúli do mundo mais baixo...
Abre a casa, porteiro, abre a casa...
Néti, o porteiro principal do mundo mais baixo, responde à pura Inanna:
Quem, por favor, és tu?
Sou a rainha dos céus, o lugar onde o sol nasce.
Se tu és a rainha dos céus, o lugar onde o sol nasce, por que, por favor,
tu vieste ao reino sem retorno? Como teu coração te levou pelo cami-
nho do qual o viajante não retorna?
Ereshkigal, minha irmã mais velha, o senhor Gugalanna, seu marido,
foi morto:
vim assistir ao funeral...

Desta descida, Inanna passa então por uma transformação cujo dilaceramento se dá através da retirada sucessiva de seus adornos até que fique nua, nada tendo mais que a si própria a enfrentar a própria morte. Assim continua:

Assim que ela passa pelo primeiro portão,
a shugurra, a coroa da planície de sua cabeça, foi retirada
O que, por favor, é isso?
Extraordinariamente, ó Inanna, as leis do mundo mais baixo foram
cumpridas
Óh Inanna, não questiones os ritos do mundo mais baixo...
[assim são retirados todos os pertences ao passar pelos sete portões]
“Assim, nua, a deusa chegou diante de sua irmã e os sete juízes do
mundo mais baixo... E quando pronunciaram a palavra, a palavra que
tortura o espírito,
a mulher pesarosa foi transformada num cadáver,
e o cadáver foi pendurado em uma estaca.
Depois de três dias e três noites terem-se passado,
seu mensageiro Ninshubur,
seu mensageiro de ventos favoráveis
seu portador de palavras encorajadoras,
encheu os céus de súplicas por ela,
chorou por ela no santuário da congregação,
buscou por ela na casa dos deuses,
como um indigente, com um único traje, ele vestiu-se por ela,
para Ekur, a casa de Enlil, totalmente sozinho ele dirigiu seus passos...

Aqui temos a intermediação de um mensageiro que, por amor, inicia a religação das partes separadas. O pensamento analítico opera pela separação (estrutura de diáiresis ou spaltung) em partes e obtém a morte daquilo a que se propõe dissecar e explicar. Já o pensamento simbólico que opera pela religação das partes, recupera a forma simbólica de lidar com o todo, com o complexo (“aquilo que foi tecido junto”) e, portanto, se situa nas urdiduras das tramas. Curiosamente, Samuel Napolitano, como todo contador de histórias, vive o mesmo mito fundador e, depois da descida ao núcleo vivencial da história, deixando que os ouvintes sejam dilacerados pelas várias partes, comecem, pela transformação operada na poética do ouvir e na vivência do mito travestido de “história”, a deixar que a própria história opere a religação das partes numa constituição de sentido que extrapola a “explicação”, e se situa muito mais na compreensão, no abraço religante de quem prende o sentido contra o peito, na inteligência amorosa que dispensa palavras. Diria Clarice Lispector, a sacerdotisa dos sentidos, de que a palavra opera como isca. Quando se “pesca” o sentido de que a palavra foi isca, pode-se, tranquilamente, dispensar a isca. Vejamos agora, como se dá a subida (anábise) de Inanna, depois da intermediação do mensageiro:

“Diante de Enki, o senhor das águas do abismo, Nanna-Sin, o Deus-Lua diz:

– O que fez minha filha! Estou perturbado, O que Inanna acabou de fazer! O que a hieródula dos céus acabou de fazer!...

Sobre o cadáver pendurado em uma estaca eles dirigiram o medo dos raios de fogo,

sessenta vezes o alimento da vida, sessenta vezes a água da vida, eles borrifaram sobre ele, Inanna ergueu-se.

Inanna subiu do mundo mais baixo.” (Joseph Campbell em “As Máscaras de Deus – Mitologia Primitiva”. São Paulo: Palas Athena, 1992, pp.334-338).

O alimento da vida e a água da vida borrifada sobre ela, por “sessenta vezes” faz com que Inanna se erga novamente. É, precisamente, a história como alimento espiritual e como água revivificadora de que a pessoa contadora de histórias, não apenas necessita para cumprir com sua própria saga, mas é também o alimento e a água viva que oferece aos ouvintes sobre a mesa da amizade, sob o colar da minha fala, no caminho dos amantes em busca da verdade. Não a “Verdade dogmática” com “v” maiúsculo,

mas a verdade pessoal, particular; ou ainda, como diria Mahatma Gandhi, “as minhas experiências com a verdade”.

E aqui me parece se cumprir, como acontece com Samuel Napolitano, ao final do belo livro que temos entre as mãos, o colar da minha fala – com todo o poder que a palavra tem em sua tradição oral, em seu poder nomeador, em sua estrutura musical de canto, a palavra proferida neste colar de minha fala pressupõe também as contas do encontro.

As contas do colar, sob a fala mansa e encantadora (“aquela que nos situa em nosso próprio canto – melodia e lugar de origem – pela sedução de um canto autêntico, próprio e apropriado”) buscam o encontro. O caminho dos amantes pressupõe a busca do interlocutor que pode ser um mestre possível e pode ser um discípulo possível, ambos no sentido oriental dos termos, ambos à espreita do encontro feliz, furtivo e fortuito que somente a atenção flutuante, a vigilância hipovígil e a escuta atenta podem descortinar sob os disfarces mais cotidianos e imprevistos, dificilmente no deserto árido da escola sob as “grades” curriculares, servidões escolares e narcisismos magistras, mas sob o manto simples e pobre de um peregrino, nas oficinas de um sapateiro ou sob o ruído dos teares de uma tecelã.

No entanto, para o encontro há que se despojar dos preconceitos e dos prejuízos, das hierarquias e da soberba; Estar nu e consigo mesmo. Então, o outro, como mensageiro de nossas destinações, intercede por nós e cria as condições para que possamos ressuscitar das rotinas pesadas das organizações (o novo infero mortificante) e recuperarmos os sonhos de juventude abandonados em alguma gaveta, como alimento e como água que nos redime e revifica.

Assim, Samuel Napolitano, como perfumista e amante, retira de sua bolsa de almíscar dos segredos e nos presenteia o colar de sua fala; e cumpre, me parece com extrema felicidade, a arte do encontro nas contas do colar.

“Aquele que não provou o perfume de meu discurso
não teve acesso ao caminho dos amantes”
(Farid ud-Din Attar, A linguagem dos pássaros, p.244)

PROF. DR. MARCOS FERREIRA-SANTOS
Livre-docente da Faculdade de Educação da USP
Professor de Mitologia Comparada

Samuel Napolitano

O colar de minha fala
Os contos da tradição Sufi